

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR

ALICE MARIA COSTA DA SILVA

A LINGUAGEM ORAL: discutindo a prática docente nas séries
iniciais do Ensino Fundamental

PARNAÍBA
2011

Biblioteca UESPI - PNB
Registro Nº 11749
CDD 407
CUTTER 55862
V _____ EX. 01
Data 23 / 03 / 2012
Viso *[Assinatura]*



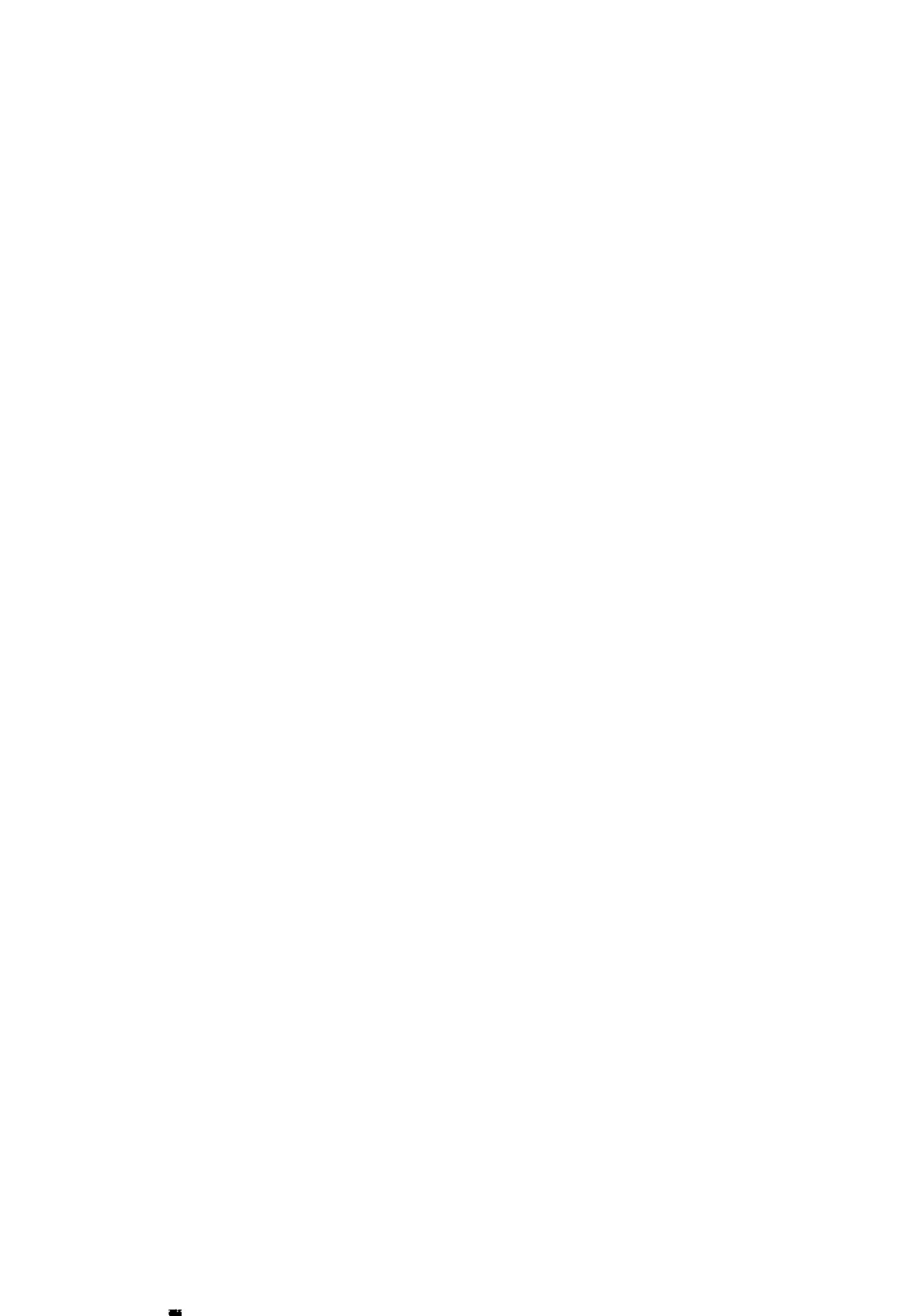
ALICE MARIA COSTA DA SILVA

**A LINGUAGEM ORAL: discutindo a prática docente nas séries
iniciais do Ensino Fundamental**

Monografia apresentada à Universidade
Estadual do Piauí - UESPI, como pré-requisito
para obtenção do Título de Licenciado em
Normal Superior.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Françoaze dos Santos
Beviláqua.

PARNAÍBA
2011



ALICE MARIA COSTA DA SILVA

A LINGUAGEM ORAL: discutindo a prática docente nas séries
iniciais do Ensino Fundamental

Monografia apresentada à Universidade
Estadual do Piauí - UESPI, como pré-requisito
para obtenção do Título de Licenciado em
Normal Superior.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Françoaze dos Santos
Beviláqua.

APROVADA EM: 14 / 12 / 2011

BANCA EXAMINADORA

Françoaze dos Santos Beviláqua

Prof.^a Esp. Françoaze dos Santos Beviláqua/UESPI

Orientadora

Rejane Fontenele de Sousa

Prof.^a. Esp. Rejane Fontenele de Sousa

Examinador Externo

Maria do Socorro dos Santos Fontenele

Prof.^a. Esp. Maria do Socorro Sousa Fontenele/UESPI

Examinador Interno

Catálogo na Fonte

Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Central - UESPI

S586I SILVA, Alice Maria Costa da

A LINGUAGEM ORAL: Discutindo a Prática Docente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental./Alice Maria Costa da Silva – Parnaíba, 2011.

57p.

Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura em Normal Superior – Universidade Estadual do Piauí, 2011.

Orientadora - Prof^{fa}: Especialista. Françoaze dos Santos Beviláqua.

01. Linguagem Oral, 02. Práticas Pedagógicas, 03. Docente.

CDD – 407

A Deus pelo dom da vida, aos meus pais,
irmãos e amigos pelo carinho e apoio.

E ao meu esposo e meu querido filho, os quais
amo muito. E a todos que me deram força e
coragem me apoiando nos momentos de
dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que plantou em mim um sonho que hoje se materializa.

Aos meus pais, que foram instrumento para concretizar o precioso dom da vida.

À minha irmã Cris e meu irmão João Victor pelo carinho.

Ao meu amado esposo Israel, pelo amor, dedicação, paciência e incentivo e que de forma especial compreendeu minhas ausências.

Agradeço também à minha sogra Sônia pelo incentivo e ajuda, pois na minha ausência cuidou do meu filho.

Ao meu filho, Israel Filho, que na sua alegria me passa forças para vencer os obstáculos, pois ele é a razão do meu viver.

A todos os professores que passaram durante este curso; aos meus amigos do curso, Ériッサ Regina e Fabrício Freitas, que por tantas vezes pensamos em desistir, mas sempre dávamos força uns para os outros.

À minha grande amiga, Aline Souza, pelo incentivo e por acreditar no meu potencial.

À minha orientadora, Françoaze Beviláqua, pelas cobranças, preocupações e ensinamentos.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente, não poderia deixar de expressar minha imensa gratidão.

A todos meu muito obrigada!

"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe."

(Jean Piaget)

RESUMO

O presente trabalho monográfico é resultado de uma pesquisa realizada com professoras de uma Escola Municipal localizada na cidade de Parnaíba-PI, com o intuito de avaliar a implementação de práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento da linguagem oral de crianças matriculadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental da rede pública. A partir disso, buscou-se conhecer quais práticas são adotadas e se elas favorecem nesse processo. Para a obtenção dos dados desta pesquisa, foram utilizados questionários contendo perguntas abertas, aplicados aos docentes, com o objetivo de analisar a prática de ensino da linguagem oral usada em sala de aula. O estudo fundamentou-se nos seguintes autores: Capellini e Oliveira (2003), Serafini (2003), Friedmann (2005), Marcuschi (2005), Scarpa (2006), Vanoye (2007), Carvalho (2008), Miralha (2008), Antunes (2009), Marques (2011) entre outros. A partir dos resultados, pode-se destacar que as professoras utilizam atividades como leitura de textos, narrativas feitas pelas crianças, lendas, teatro, jogos, brincadeiras, música, entre outras. Desse modo, essas informações tornam-se respeitáveis, pois mostram a importância da utilização de práticas pedagógicas diversificadas que favoreçam o aprendizado da linguagem oral. Apontam, ainda, o grande valor que novas pesquisas possuem para corroborar os dados apresentados neste trabalho, a fim de melhorar a educação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, não só da cidade de Parnaíba-PI, mas de várias outras localidades que apostam na importância dessas práticas para uma educação de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem oral. Práticas pedagógicas. Docente.

ABSTRACT

This monographic work is the result of research conducted with teachers from a local school in the city of Parnaíba-PI, in order to evaluate the implementation of pedagogical practices that promote oral language development of children enrolled in early grades of elementary school network public. From this study sought to discover which practices are adopted and whether they favor this process. To obtain the data used in this study were questionnaires containing open-ended questions applied to teachers in order to analyze the practice of teaching oral language used in the classroom. The study was based on the following authors: Capellini e Oliveira (2003), Serafini (2003), Friedmann (2005), Marcuschi (2005), Scarpa (2006), Vanoye (2007), Carvalho (2008), Miralha (2008), Antunes (2009), Marques (2011) among others. Based on the results can be noted that the teachers use activities such as reading texts, narratives made by children, legends, drama, games, jokes, music and more. This way, this information become respectable, they show the importance of using diverse teaching practices that promote the learning of oral language. It also identifies how much value have new research to corroborate the data presented in this paper in order to improve education in the early grades of elementary school, not only the city of Parnaíba-PI, but several other locations who bet on the importance these practices to a quality education.

KEY WORDS: Oral language. Pedagogical practices. Teacher.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil das professoras colaboradoras desta pesquisa.....	20
---	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	18
1.1 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO – PESQUISA QUALITATIVA.....	18
1.2 COOPERADORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO.....	19
1.3 ESCOLA CAMPO DE ESTUDO.....	20
1.4 OBSERVAÇÃO.....	21
1.5 ENTREVISTA (QUESTIONÁRIO)	22
1.6 CATEGORIAS DE ANÁLISES.....	23
CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A LINGUAGEM ORAL.....	24
2.1 A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO NA COMUNICAÇÃO.....	24
2.2 AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL.....	27
2.2.1 Estágios de desenvolvimento da linguagem.....	32
2.3 O PAPEL DA ESCOLA E DOS PROFESSORES NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL.....	34
2.4 LEITURA: OBJETO RELEVANTE NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL.....	39
CAPÍTULO III - RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS OBTIDOS.....	41
3.1 AS PRÁTICAS UTILIZADAS PELOS DOCENTES EM SALA DE AULA PARA DESENVOLVEREM A LINGUAGEM ORAL DE SEUS ALUNOS.....	42
3.2 OS MOMENTOS OS QUAIS SÃO REALIZADAS AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM ORAL.....	43
3.3 O APOIO DA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DESSAS PRÁTICAS.....	45
3.4 A AVALIAÇÃO DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DE SEUS ALUNOS.....	46
3.5 O APOIO DOS PAIS À ESCOLA, AO PROFESSOR E AO ALUNO NO QUE DIZ RESPEITO O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL DE SEUS FILHOS.....	48

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....50

REFERÊNCIAS.....52

APÊNDICE.....57

INTRODUÇÃO

A língua é o instrumento constituído, social e historicamente, pelas interações entre os indivíduos, constantemente reconstituída, visto que os homens continuam interagindo verbalmente, transformando-se e transformando tudo à sua volta, inclusive a língua. Ela é o conjunto de símbolos, resultantes de muitas interações realizadas para compreender o mundo e tudo o que nele existe.

Por esse motivo, constata-se que o homem constitui-se pela linguagem por meio dos símbolos e das interações verbais existentes. Nesse sentido, a linguagem é mais dinâmica que a língua, pois é por intermédio do domínio da língua que o indivíduo consegue estabelecer uma comunicação. Portanto, língua e linguagem são atividades existentes apenas durante as interações verbais humanas.

É sabido que a escola e a prática pedagógica utilizada pelo professor têm um papel decisivo na maneira de como o docente idealiza o ensino da linguagem. Essas práticas podem contribuir de modo positivo ou até mesmo negativo no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, levando-os ao sucesso ou ao fracasso.

Torna-se importante entender o que todos os interlocutores envolvidos nas aulas (professores e alunos) pensem sobre os tipos de linguagem usados em todos os interesses nas quais os indivíduos interajam para que, assim como nas interações verbais ocorridas na sociedade, na escola seja oportunizada não só assimilação de sistemas linguísticos já existentes, mas a construção da língua, da linguagem e dos próprios interlocutores.

Participar de variadas situações de comunicação oral, interessar-se pela leitura de histórias e ter contato com livros e revistas são alguns dos objetivos expressados pelos RCNEIs a fim de que a criança possa desenvolver a habilidade da linguagem. Nesse contexto, espera-se que escola ofereça meios para a implantação dessas atividades no intuito da ampliação gradativa das possibilidades de comunicação e expressão.

Com a certeza de que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem são de fundamental importância tanto para a vida social da criança quanto para seu sucesso enquanto estudante, essa pesquisa tem como propósito conhecer as práticas pedagógicas utilizadas no processo de desenvolvimento da linguagem oral das crianças apresentadas pelas professoras de uma escola de ensino fundamental da rede pública, localizada na cidade de Parnaíba-PI. Para tanto, foram utilizados questionários contendo perguntas abertas com a intenção de colher os dados inerentes a essa pesquisa.

A presente pesquisa torna-se importante para evidenciar a realidade sobre as práticas docentes adotadas no desenvolvimento oral das crianças matriculadas na rede municipal de ensino. Com isso, pode-se mostrar o valor que as práticas pedagógicas constituem no desenvolvimento da oralidade dos alunos e assim, apontar novas estratégias para o ensino de qualidade.

PROBLEMÁTICA

As crianças que, por algum motivo, tiveram ou ainda têm deficiência nas práticas pedagógicas de desenvolvimento da linguagem adquirem uma incapacidade de planejar, organizar, regular e expressar o que sabem a fim de informar a outros. Consequentemente, esses alunos podem sair prejudicados em suas opções vocacionais, assim como em sua vida pessoal.

Uma das práticas pedagógicas utilizadas para se trabalhar o desenvolvimento da linguagem oral é a implantação de recursos textuais, como por exemplo, textos literários, textos com histórias infantis, textos jornalísticos e até mesmo receitas que auxiliam e induzem na formação da linguagem.

A leitura, durante alguns anos, era usada apenas como suporte para aulas de gramática, entretanto, com a revolução tecnológica, foram ampliadas as oportunidades, assim como também a necessidade da implantação de recursos para facilitar o ato de ler, sendo a leitura utilizada para outros fins não menos importantes.

É nesse sentido que nota-se que para ler não basta memorizar os símbolos da escrita, é preciso que haja a codificação e decodificação da informação. O conteúdo advindo da leitura é utilizado no desenvolvimento das funções cognitivas e nas operações mentais, como na identificação, análise, seleção, organização, comparação, diferenciação, assim como também para representar, levantar hipóteses entre outras operações que beneficiarão a criança durante toda a sua vida (SOUSA, 2011).

A linguagem oral se desenvolve quando a criança participa de atividades junto a pessoas que já dominam esse conhecimento e ainda, aprendem a ler quando acham que estão preparadas. Nesta perspectiva, novos estudos realizados apontam que quanto mais próximas as práticas pedagógicas estiverem das práticas sociais, mais sentido verão as crianças nas

atividades relacionadas à linguagem, podendo estabelecer relações que desenvolverão sua imaginação, tornando-as produtoras de cultura.

Dessa maneira, ressalta-se a importância das práticas pedagógicas quanto ao processo de desenvolvimento da linguagem oral, sendo levantados vários questionamentos em relação a essas práticas em uma realidade mais próxima. Este trabalho monográfico envolve um questionário que indaga como está o processo de desenvolvimento da linguagem oral nas séries iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Parnaíba – PI, quais as práticas utilizadas pelos docentes nesse processo e ainda, como a escola auxilia no desenvolvimento da linguagem oral dos seus alunos?

OBJETIVOS

A determinação dos objetivos caracteriza o propósito, ou seja, a intenção do pesquisador ao propor a pesquisa. São por meio dos objetivos que serão informadas quais as propostas, ou melhor, quais os planos do projeto, quais os resultados que se pretende alcançar ou qual a contribuição da pesquisa. Para este trabalho, a elaboração do questionário e sua aplicação no campo do estudo foram direcionadas a partir da finalidade de conhecer a realidade das práticas docentes no que concerne o desenvolvimento da linguagem oral nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Objetivo Geral

- Investigar como é desenvolvida a linguagem oral dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Parnaíba – PI.

Objetivos Específicos

- Comprovar a implantação de práticas pedagógicas que propiciam o desenvolvimento da linguagem oral das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental;
- Identificar as práticas docentes que possibilitam o desenvolvimento da linguagem oral das crianças em sala de aula;
- Analisar se a prática adotada pelo docente favorece o desenvolvimento da linguagem oral dos alunos.

JUSTIFICATIVA

Nas mais variadas práticas ao longo do desenvolvimento da criança, desde seu nascimento, a linguagem oral está presente e lhes permite comunicar suas ideias, seus pensamentos e as suas intenções, sendo elas as mais diversificadas. Essa interação entre os seres propicia o aprendizado e a compreensão da linguagem oral (SOUSA, 2011). A linguagem, portanto, é um rico e poderoso instrumento simbólico que pode ser estudado e compreendido.

Levando em conta a ideia de aprendizado da linguagem, pode-se verificar que a prática de cada professor pode mudar de acordo com sua experiência e com os princípios que o norteia, mas que apesar de todas as dificuldades, cabe ao docente dominar a teoria e crer na sua capacidade de desenvolver um bom trabalho de ensino. Neste sentido, é importante que o professor conheça as várias maneiras de se trabalhar a linguagem, a fim de favorecer o avanço do aluno quanto ao nível de aprendizagem.

Uma questão que é considerada há muitos anos consiste na ideia de que o processo de aprendizado está totalmente vinculado à escola e, para isso, foram criados meios didáticos, como cartilhas, para o auxílio nesse processo. Entretanto, o que se observa é que a criança aprende a ler não por causa desses programas prontos de ensino, mas por que os docentes desenvolvem atividades e com elas conseguem fazer com que as crianças impliquem um sentido no que estão aprendendo. Cabe ao professor estar atento às formas de como trabalhar a linguagem oral com seus alunos, de maneira que eles se tornem interessados em aprender.

Miralha (2008) em sua pesquisa observa um ponto muito importante quanto ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da linguagem:

A prática pedagógica desenvolvida pelos professores está diretamente relacionada a seus conceitos, valores, necessidades, interesses, histórias de vida pessoal e profissional. Construções sociais e não apenas individuais. Está relacionada ainda a uma formação inicial e continuada que não prevê a valorização das diferenças, que em grande parte, reforça as ideias de que todos devem aprender no mesmo ritmo, no mesmo tempo e da mesma forma, padronizando a construção do conhecimento, pouco considerando seu caráter individual. (MIRALHA, 2008, p. 21)

Com base no contexto da importância do desenvolvimento da linguagem oral e no papel exercido pelos docentes nesse processo, quando da utilização das práticas pedagógicas, a presente investigação pretendeu analisar de maneira particular o desenvolvimento da linguagem oral nos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental no que diz respeito a essas práticas.

A princípio, o interesse maior em pesquisar sobre o tema veio do momento em que se detectou a realidade apresentada no local de trabalho da pesquisadora em que uma criança apresentava dificuldades em expressar suas necessidades. A partir disso, surgiu a curiosidade de investigar sobre a realidade de como estão sendo desenvolvidas as práticas pedagógicas para desenvolver a linguagem oral, ou seja, houve a necessidade de saber se as atividades executadas estão fazendo com que as crianças desenvolvam a oralidade, ou melhor, se essas crianças estão conseguindo se expressar com clareza.

Além do exposto, o que se espera dessa pesquisa é a contribuição na melhoria do processo de aprendizagem da linguagem oral, fazendo com que os docentes avaliem suas práticas pedagógicas e observem se elas estão reforçando o desenvolvimento da linguagem oral das crianças.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação incessante por explicações verdadeiras para a relação entre os fatos, sejam eles naturais ou sociais, é orientada por um caminho ordenado de etapas que visam chegar às respostas dos questionamentos que motivaram a pesquisa (PÁDUA, 2004).

Os procedimentos metodológicos referem-se à prática instrumental, ou seja, propriamente à prática de pesquisar, sendo esses procedimentos, um conjunto de técnicas que permitem o desenvolvimento da pesquisa. Essas técnicas auxiliam e possibilitam a construção do conhecimento.

É por meio do método que será definido onde e como se dará o desenvolvimento da pesquisa. A população ou amostra será definida, além do espaço, instrumentos, a coleta de dados, a forma como pretende tabular e analisar seus dados, entre outros fatores que serão utilizados no estudo.

Tomando como base esses conceitos, utilizou-se para o desenvolvimento desta pesquisa o método da observação e da entrevista. A observação utiliza os sentidos na obtenção de dados da realidade, como ver, ouvir, examinar fatos ou fenômenos. Para que se torne um instrumento válido, precisa ser controlada e sistemática, o que implica um planejamento cuidadoso. O pesquisador, neste trabalho, observou de forma direta, ou seja, o pesquisador acompanhou *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, tentando apreender o significado que eles atribuem à realidade.

Em relação à entrevista, que representa um dos instrumentos mais usados e básicos para a coleta de dados, foi aplicada aos sujeitos da pesquisa por meio de perguntas abertas para que eles expressassem suas opiniões de maneira que se sentissem livres. A vantagem da entrevista está na captação direta da informação que se deseja obter.

ESTRUTURA DO TRABALHO

A monografia está construída da seguinte maneira:

No capítulo I, será abordada a maneira pelo qual se desenvolveu a pesquisa, ou seja, os procedimentos metodológicos que nortearam a elaboração da mesma. Trata, ainda, da pesquisa qualitativa e dos instrumentos e procedimentos adotados para a concretização do estudo.

No capítulo II, será verificada a explanação dos conceitos importantes acerca da temática da linguagem, abordando as considerações a respeito de como se dá o seu desenvolvimento, principalmente sobre o papel dos docentes nas práticas que auxiliam o desenvolvimento da linguagem oral das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental.

O capítulo III aponta os dados obtidos por meio da pesquisa e complementa com sua análise, sendo apresentadas as discussões a respeito do tema e que corroboram ou discordam do que se conseguiu obter na coleta de dados. Os dados da observação e da entrevista com as professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental da escola estudada serão confrontados a fim de se conhecer a realidade e as informações acerca das práticas pedagógicas utilizadas no desenvolvimento da linguagem oral dessas crianças.

Ao findar esta pesquisa, apresentam-se as considerações finais, que abordam de maneira geral a temática desta pesquisa e as conclusões obtidas por meio dela, a fim de se conhecer a forma como os docentes pesquisados trabalham o desenvolvimento da linguagem oral com as crianças e, com isso, buscar implantar essas práticas em locais onde não existem ou até mesmo melhorá-las no intuito de promover o desenvolvimento oral e uma educação de qualidade para esses alunos.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo será abordada a maneira pelo qual se desenvolveu a pesquisa, ou seja, os procedimentos metodológicos que nortearam a elaboração desta pesquisa. Trata, ainda, da pesquisa qualitativa e dos instrumentos e procedimentos adotados para a concretização do estudo.

1.1 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO – PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa é um conjunto de ações elaboradas com a finalidade de encontrar a solução de um dado problema; é o processo pelo qual se dá o desenvolvimento do método científico, com o objetivo de desvendar as respostas por meio da utilização de procedimentos científicos. Ela é realizada quando há algum problema que se necessita de informações para solucioná-lo (TARTUCE, 2008).

Em relação à classificação das várias formas de pesquisa, tem-se uma das formas clássicas que seria a pesquisa qualitativa. Nela, considera-se que exista uma relação dinâmica entre o real e o sujeito, onde as interpretações dos fenômenos, as atribuições dos significados são essenciais nos processos inerentes a esse tipo de pesquisa. O ambiente é a fonte de coleta dos dados.

A pesquisa qualitativa é considerada descritiva, visto que descreve não só a aparência, mas descreve também a particularidade do fenômeno. Entretanto, além da descrição, ela busca saber o porquê do fenômeno, qual sua origem, e quais as suas consequências para a vida humana. Com isso, admite-se que a pesquisa qualitativa é a busca pela explicação do objeto em estudo e não pela confirmação de alguma teoria (CARVALHO, 2008).

Para Neves (1996) esse tipo de pesquisa costuma ser direcionado durante todo o seu desenvolvimento e não procura enumerar ou medir os eventos observados, não se utiliza de métodos estatísticos, o seu enfoque principal é amplo e parte de uma perspectiva, consistindo da obtenção de dados descritivos mediante contato do pesquisador com o ambiente a ser pesquisado. Desse modo, é frequente a busca do entendimento dos fenômenos estudados.

Ele aponta o conjunto de características que compõem a pesquisa qualitativa as quais incluem:

- a) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- b) o caráter descritivo;
- c) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
- d) enfoque indutivo.

Desse modo, o que se observa é que a pesquisa qualitativa abriga uma modulação semântica e atrai uma combinação de tendências que se aglutinaram. Pode ser designada pelas teorias que a fundamenta: fenomenológica, construtivista, crítica, etnometodológica, interpretacionista, feminista, pós-modernista; podem, também, ser designadas pelo tipo de pesquisa: pesquisa etnográfica, participante, pesquisa-ação, história de vida entre outras (CHIZZOTTI, 2003).

Em uma pesquisa de base qualitativa, o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a princípio, ou seja, depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Dessa maneira, enquanto estiverem aparecendo pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas devem continuar sendo realizadas.

Ao se analisar esse contexto, optou-se para compor este trabalho a pesquisa qualitativa, a qual se baseou na necessidade de abordar os aspectos qualitativos e descritivos do fenômeno observado na coleta de dados. A análise buscou considerar os detalhes particulares e as várias dimensões e determinações envolvidas na observação dos fatos. Desse modo, esta pesquisa procurou conhecer e compreender quais as práticas pedagógicas que os professores acreditam serem favoráveis ao desenvolvimento da linguagem oral das crianças matriculadas nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

1.2 COOPERADORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO

A coleta de dados foi realizada na Escola Municipal “Recreação Boa Esperança”, onde foram entrevistadas as professoras que compõem o quadro de docentes do Ensino

Fundamental. Nesta pesquisa, o foco central esteve na prática adotada pelas professoras no que se refere às práticas adotadas dentro da sala de aula que auxiliam no desenvolvimento da linguagem oral dos alunos. Dessa maneira, colaboraram com este estudo, 04 (quatro) professoras da escola acima citada, selecionadas aleatoriamente, as quais serão designadas nesta pesquisa com a sequência de letras do alfabeto, conforme mostra o quadro 1.

COLABORADORES	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE PROFISSÃO
Professora A	69 anos	Cursando Pedagogia	27 anos
Professora B	51 anos	Pedagogia	28 anos
Professora C	54 anos	Pedagogia	26 anos
Professora D	36 anos	Pedagogia	14 anos

Quadro 1. Perfil das professoras colaboradoras desta pesquisa.

Fonte: Questionário aplicado às respectivas professoras.

1.3 ESCOLA CAMPO DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal “Recreação Boa Esperança”, uma instituição da rede municipal de ensino, localizada na Rua Anhanguera, nº 1385 Bairro Boa Esperança, na cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, atendendo à clientela do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano e a EJA – Educação de Jovens e Adultos. Seu horário de funcionamento é de 07h00min às 11h00min pela manhã, 13h00min às 17h00min à tarde e 18h30min às 21h20min à noite. A instituição de ensino foi fundada em 03 de março de 1968, pelo idealizador Frei João Pedro, natural de Parnaíba.

Há algum tempo a escola funcionava na capela de Santa Cecília, propriedade da Paróquia de São Sebastião, numa lavanderia, que antes era utilizada como sala para cursos de corte e costura, bordado e pinturas em tecidos. A partir desta realidade, o Doutor João Silva Filho e a comunidade resolveram por em funcionamento a primeira sala de aula, formada por uma turma de 25 alunos pela professora Dalva Alencar.

Atualmente, a escola funciona sob a direção das professoras Marilene Marques de Oliveira (diretora titular) e Maria José Veras Pereira (diretora adjunta). A instituição dispõe de uma infraestrutura física regular, distribuída em 05 (cinco) salas de aulas pequenas, 01 (uma) secretaria, que também funciona como sala de professores, 03 (três) banheiros sendo que um deles funciona dentro da cantina, não possui refeitório, porém possui 01 (uma)

cantina, 01 (um) depósito para merenda e material didático e 01 (um) salão que funcionou a antiga capela de Santa Cecília, onde são realizados os eventos da escola.

Dentre os recursos disponibilizados na escola, incluem 05 (cinco) mesas para os professores, 157 (cento e cinquenta e sete) carteiras, sendo bem conservadas, 01 (uma) televisão, 01 (uma) geladeira, 01 (um) freezer, 01 (um) fogão industrial, 01 (um) aparelho de som, 01 (um) aparelho de DVD, 03 (três) armários de aço, 01 (um) mimeógrafo, 01 (uma) máquina copiadora, 01 (um) microcomputador com impressora, utensílios de cozinha próprios para atenderem às necessidades da escola, e uma ampla quantidade de livros fornecidos pelo MEC.

O corpo pedagógico e administrativo da instituição é composto por 11 (onze) professores com formação superior incompleta (cursando), completa e pós-graduação, 01 (uma) diretora titular e 01 (uma) adjunta, 01 (uma) supervisora, 01 (uma) coordenadora, 01 (uma) secretária e 02 (duas) auxiliares com formação em Ensino Médio, 03 (três) vigias também com Ensino Médio, 05 (cinco) zeladoras com Ensino Fundamental e 01 (uma) merendeira, com formação leiga.

Atualmente, a escola conta com o corpo discente formado por 98 alunos, no período da tarde, sendo oriundos de classe social baixa, muitos residem nas proximidades da instituição escolar. Apesar de serem crianças e adolescentes simples, encontra-se no olhar um anseio muito grande de aprender e descobrir novos conhecimentos.

A escolha dos livros didáticos é realizada pelos professores da escola e depois, encaminhados para a Secretaria de Educação, onde é realizada uma 2ª revisão. Em seguida, é feita uma pesquisa no mercado e se o livro for aprovado pela grande maioria este é adotado. Percebe-se que uma grande parcela da escola preocupa-se em garantir os direitos e deveres de alunos e demais funcionários, favorecendo assim uma aprendizagem significativa.

1.4 OBSERVAÇÃO

Em conceitos gerais, a observação implica na aplicação atenta dos sentidos físicos a um objeto, a fim de adquirir dele um conhecimento claro e preciso. Entre os tipos de observação destacam-se a assistemática (em que não há planejamento para ser executada), a sistemática (com planejamento prévio), a não participante (a qual o observador não se

envolve), a participante (há participação do observador), aquela realizada em equipe e ainda aquela realizada em ambiente laboratorial (CHIZOTTI, 1995).

Segundo Barbosa (1999) a observação é um método de coleta de dados que requer a atuação de observadores capacitados a fim de se obter determinados tipos de informações sobre resultados, processos, impactos, entre outras fontes. Essa observação pode ser realizada nas fases primárias do projeto ou até mesmo antes de seu início, entretanto, com caráter não estruturada, ou melhor, realizada de maneira apenas informal.

O método de observação em pesquisas educacionais permite a aproximação tanto do observador/pesquisador quanto do objeto que está sendo estudado. Desse modo, o desenvolvimento da pesquisa se deu a partir da observação da relação professor-aluno em sala de aula. As situações observadas são relacionadas a aspectos tais como: as práticas pedagógicas adotadas em sala de aula; a forma como os alunos recebem essas práticas; a avaliação dos professores em relação ao apoio dado pela escola para as práticas adotadas pelos educadores e como os pais então envolvidos para auxiliar no desenvolvimento oral das crianças.

1.5 ENTREVISTA (QUESTIONÁRIO)

Conforme relata Ruiz (2006), a técnica de questionário tem a vantagem de amplificar um grande número de entrevistados garantindo um número representativo para validar a pesquisa. Devem vir apresentados de forma clara todos os itens de tal modo que o informante possa responder com precisão e sem ambiguidade às questões propostas. É importante que se esclareça inicialmente a seriedade, a importância da pesquisa e, principalmente, a maneira correta de preenchê-lo.

De acordo com as fontes literárias, o questionário foi aplicado às professoras, as quais puderam expressar suas mais variadas opiniões por meio das perguntas abertas presentes no instrumento. A partir dele, foram coletados dados importantes a respeito da temática abordada nesta pesquisa, explanando a realidade das práticas pedagógicas adotadas no desenvolvimento da linguagem oral de alunos do Ensino Fundamental, observada não só em apenas uma escola, mas em várias outras existentes na cidade de Parnaíba-PI.

1.6 CATEGORIAS DE ANÁLISES

Com a observação e a aplicação dos questionários, foi possível a coleta de dados importantes para o estudo da realidade do desenvolvimento da linguagem oral de crianças matriculadas no Ensino Fundamental, que posteriormente foram analisados e interpretados conforme as categorias apresentadas a seguir, as quais incluem:

- As práticas utilizadas pelos docentes em sala de aula para desenvolverem a linguagem oral de seus alunos;
- Os momentos os quais são realizadas as práticas de linguagem oral;
- O apoio da escola para o desenvolvimento dessas práticas;
- A avaliação do professor em relação ao desenvolvimento linguístico de seus alunos;
- O apoio dos pais à escola, ao professor e ao aluno no que diz respeito o desenvolvimento da linguagem oral de seus filhos.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A LINGUAGEM ORAL

No presente capítulo será verificada a explanação dos conceitos importantes acerca da temática da linguagem oral, abordando as considerações a respeito de como se dá o seu desenvolvimento, principalmente sobre o papel dos docentes nas práticas que auxiliam o desenvolvimento dessa linguagem das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental.

2.1 A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO NA COMUNICAÇÃO

O meio pelo qual os seres humanos se comunicam, se expressam ou trocam informações é denominado de linguagem. Existem muitas formas de linguagem e a mais utilizada entre elas usa como objeto a palavra, a qual é denominada de linguagem verbal, entretanto, outros tipos são do mesmo modo necessários para a comunicação e relacionamento entre os seres humanos, os quais incluem a linguagem simbólica e não verbal, e que são apresentadas por meio de imagens, sons, toque, cheiros, sabores entre outros (FRIEDMANN, 2005).

Antunes (2009) define que:

(...) a linguagem é o suporte, a mediação pela qual tudo passa de um indivíduo a outro, de um grupo a outro, de uma geração a outra. É também o meio pelo qual se criam e se instauram os valores que dão sentido a todas as coisas, inclusive ao próprio homem. (ANTUNES, 2009, p. 22)

Cagliari (2002) aborda que, é por meio da linguagem, que se pode convencer o outro, fazer promessa, ameaça, mentir, que se podem confortar as pessoas e aliviar suas dores. Desse modo, é com o uso da linguagem verbal e não verbal que se estabelecem os direitos e os deveres e as influências sobre o outro ou os outros, ou seja, a linguagem é um instrumento humano de amplo valor, e para isso, é preciso saber usá-lo.

Melo (2000) traz uma visão conservadora sobre o que seria a linguagem e afirma:

A linguagem é um instrumento de comunicação – esta concepção está ligada a teoria de comunicação que vê a língua como código que é regido por regra,

capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor. Esse código para ser entendido, precisa ser previamente pré-estabelecido. Não há troca de sentidos, somente troca de informações. Essa concepção compreende a língua apenas com o seu funcionamento, interno – separa a língua do homem e do seu contexto social. (MELO, 2000, p. 2)

Dessa forma, a linguagem mostra-se como um sistema finito de princípios e regras que admitem ao falante codificar significados em sons e ao ouvinte decodificar sons em significado. Entretanto, esse sistema tem a característica de ser imensamente e infinitamente criativo, possibilitando ao falante e ao ouvinte criar e entender um conjunto infinito de novas sentenças gramaticais (GERBER, 1996).

Vários estudos foram desenvolvidos a partir do momento em que se deu a compreensão do fenômeno linguístico como atividade do homem, utilizada na interação entre eles, o que desenvolveu o interesse de entender qual o sentido que os interlocutores pretendiam conseguir com as palavras, além de fatores relevantes que abordam o discurso e o texto como práticas que asseguram a interação verbal entre os indivíduos (ANTUNES, 2009).

Ao se observar o ambiente em que está inserido o indivíduo, é comum e notória a presença das diversas formas da linguagem, sejam em placas presentes nas ruas, em sinalizações, jornais, revistas, entre outras fontes que permitem a materialização das expressões advindas dos mais variados pensamentos humanos.

Para que ocorra alguma forma de comunicação, é necessário que alguns elementos estejam presentes nesse meio, ou seja, a comunicação é fundamentada na presença de um emissor, isto é, aquele que codifica e emite a mensagem; o destinatário, ou aquele que decodifica e recebe a mensagem; o meio pelo qual se veicula a mensagem, que é denominado de contato; um conjunto de símbolos utilizados na transmissão e na recepção da mensagem, ou seja, um código; o referente ou contexto; e a própria mensagem, ou melhor, o conteúdo transmitido pelo emissor (TERRA et al., 2002).

Outros autores, a exemplo de Émile Benveniste, definem a linguagem como um sistema de signos que remete claramente à função da linguagem que é, de fato, a de comunicação. Este sistema de signos diz respeito a um conjunto de elementos que são interligados entre si formando um contexto significativo (VANOYE, 2007).

Vanoye (2007), em seus pensamentos, observa que a linguagem é bem complexa e, para que haja comunicação, é necessário que seja levada em consideração a ideia de que a linguagem existe em níveis, ou seja, torna-se imprescindível a constatação dos níveis de linguagem. Pode-se observar, a exemplo, que existe uma diferença importante entre a língua

falada e a língua escrita e ainda, que dentro destas línguas existem subclassificações que permitem o conhecimento profundo acerca da linguagem como um todo.

As definições dos níveis de linguagem se estabelecem por intermédio de critérios variados que se apoiam em critérios tais como socioculturais e diferenças de situação, mas, em geral, a língua escrita é bem mais elaborada que a língua falada.

Além dos níveis de linguagem, a comunicação conta com elementos implicados na significação da linguagem em meio a suas funções. Ao todo, são seis funções de linguagem e, conforme aborda Vanoye (2007), incluem:

- a) função expressiva – corresponde, ou melhor, exprime a atitude do emissor da mensagem, o que demonstra que tudo o que é mencionado na mensagem reflete a personalidade do emissor.
- b) função conativa – diz respeito à orientação do emissor dada ao destinatário, ou seja, as ordens emitidas expressadas em sentenças como “sente-se”, “saia”, entre outras.
- c) função referencial – na mensagem, corresponde a tudo o que se remete aos referentes situacionais ou textuais.
- d) função fática – centrada no contato, isto é, o que na mensagem serve para estabelecer o contato, ou mesmo para manter ou cortar este contato compete essa função, manifestando o desejo ou a necessidade de comunicação.
- e) função metalinguística – é o que na mensagem serve para explicar ou conceituar o código utilizado pelo emissor.
- f) função poética – evidencia o sentido da mensagem, por meio do jogo de sua estrutura, ritmo e sonoridade, sem, no entanto, estar presente somente em poesia, sendo observada frequentemente em discursos políticos, por exemplo.

Ao se apresentar a língua e linguagem como lugar de interação entre interlocutores, mais elementos precisam ser levados em consideração que apenas o código, a estrutura formal da língua, ou o que o locutor – a que, independentemente da teoria abordada no momento, também se denomina autor – pensa e sabe sobre o assunto a ser organizado em forma de texto (CARVALHO, 2008).

Segundo Britto (1997), algumas condições estão presentes para que haja interações de linguagem, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, como: ter uma necessidade para escrever, ou seja, ninguém escreve um texto, fora da sala de aula, sem ter uma razão para fazê-lo; ter alguém para quem dizer, um interlocutor real, com o qual o autor queira estabelecer algum tipo de comunicação e sobre o qual queira agir; e olhar para a linguagem

como a instituição que fará a mediação entre o mundo e o homem e não apenas como um código pronto que, ao ter suas regras obedecidas, garante o sucesso da produção textual.

Conforme aborda Travaglia (2002), o homem se compõe pela linguagem, e transmite a importância de que a língua é uma prática social que ocorre entre sujeitos que compartilham o processo comunicativo. A língua, além de representar o pensamento humano e ser um instrumento de comunicação, é o lugar de interação social. O que acontece é que o indivíduo não apenas externa pensamentos ou organiza a fala através de um código para a mensagem ser decodificada pelo receptor, mas também realiza ações, atua sobre o interlocutor.

Por esse motivo, é necessário que se entenda que a língua se realiza pela linguagem, enquanto aquela é o sistema, esta é a movimentação desse sistema em função do ato de se comunicar. Portanto, a linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela fabricação de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada circunstância de comunicação e em uma situação sócio-histórica e ideológica.

2.2 AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL

Para Capellini e Oliveira (2003):

Os estudos sobre o processo de aquisição de linguagem apresentam várias correntes com diferentes concepções. Alguns, valorizam a ação comunicativa da linguagem da criança; outros, a *forma* da linguagem; outros o seu *conteúdo*; e, finalmente, os *correlatos anatômicos e fisiológicos* da linguagem (CAPELLINI E OLIVEIRA, 2003, p. 114).

Leigos e estudiosos nas mais variadas linhas de pesquisa sobre o desenvolvimento da linguagem, sempre exploraram as manifestações da linguagem da criança. As mostras imperfeitas e primitivas do que seria o início da formação da linguagem na criança têm sido registradas ao longo dos séculos. Scarpa (2006) aponta um fato histórico relacionado com essa temática:

Heródoto, por exemplo, narra que, no século VII a.C., o rei Psamético do Egito ordenou que duas crianças fossem confinadas desde o nascimento até a idade de dois anos, sem convívio com outros seres humanos, a fim de se observarem as manifestações “lingüísticas” produzidas em contexto de privação interativa (SCARPA, 2006, p. 203).

Segundo Fernandes (1998) apud Costa (2011), existem algumas teorias que fundamentam os estudos sobre a aquisição da linguagem. A primeira corrente surgiu em 1934, através de Vygotsky, que preconizou que a interação social e o instrumento linguístico são componentes decisivos para o desenvolvimento cognitivo. Para ele, a fala permite o conhecimento do mundo e torna-se fundamental para o desenvolvimento cognitivo. Uma criança que pode falar tem maior liberdade e independência.

A segunda baseia-se no estruturalismo europeu de 1936, tendo como seu principal representante Jean Piaget. Ele aborda que mesmo antes da criança ter a linguagem, o cérebro desenvolve atividades cognitivas devido a uma maturação cerebral biológica. O sujeito nasce com uma capacidade inata, isto é, uma potencialidade para aprender. Entretanto, ainda serão imprescindíveis estímulos advindos do meio em que a criança está inserida, para que tenha um desenvolvimento adequado, no que se refere ao linguístico e cognitivo.

A terceira fundamenta-se no inatismo e teve como seu principal representante Noam Chomsky em 1966. Este autor aponta que o sujeito nasce com capacidades inatas e cabe ao meio apenas estimular o potencial linguístico e cognitivo que já existe.

A partir dos estudos do linguista Noam Chomsky, no final da década de 1950, os trabalhos a respeito dos processos e mecanismos relacionados à aquisição da linguagem tomaram um grande impulso. Nesta época era notado que “a aprendizagem da linguagem era um fator de exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta (SCARPA, 2006, p. 206).

A partir do momento em que se demonstrou que a competência linguística de um locutor possibilita-lhe a criação de todas as frases da língua que fala, a teoria chomskyana apontou que a linguagem é um tipo de comportamento humano muito mais complexo do que até então era considerado, levando os estudiosos a pensarem, respeitosamente, sobre as complexidades do comportamento linguístico (SILVA, 1999).

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem derivam da complexidade inerente ao raciocínio da criança, o que contesta a autonomia do mecanismo de aquisição da linguagem como domínio específico de conhecimento linguístico, ou seja, a obtenção da linguagem é dependente do desenvolvimento intelectual da criança.

O epistemólogo suíço Jean Piaget, tomando como base seus estudos, dita que o aparecimento da linguagem ocorre na superação do estágio sensório-motor, por volta dos 18 meses. Contrapondo o modelo inatista, essa aquisição da linguagem é tida como o resultado da interação entre o ambiente e o organismo.

Vygotsky, psicólogo soviético, parte do pressuposto de que os pesquisadores fazem uma separação entre o estudo da origem e o desenvolvimento da fala e o estudo da origem do pensamento prático na criança. Para Vygotsky, fala e pensamento devem ser estudados juntos e interligados e disserta que é através da fala que se organiza o pensamento (SCARPA, 2006).

O raciocínio de Vygotsky aponta que a língua e a linguagem são aprendidas e desenvolvidas de fora para dentro, ou seja, é preciso que haja, primeiramente, a interação externa com o outro para que o aprendizado se internalize. Analisando essa interação, observa-se que o aprendizado competente se dá na interação entre sujeitos com níveis de desenvolvimento desiguais em que o sujeito em nível inferior de desenvolvimento esteja adquirindo o aprendizado e alcance aprender e desenvolver-se com a ajuda do outro.

Silva (1999) aponta que, ainda nos dias atuais, não se tem uma explicação que seja clara e incontestável sobre a aquisição da linguagem, mas duas teorias elucidam (cada uma negando a outra) a germinação da linguagem infantil. Essas duas teorias são explanadas a seguir:

- a) O “nativismo” dá grande importância ao poder inventivo da criança, ou seja, a imaginação infantil. Desse modo, muito do que ela diz será produto de uma atividade criadora, absolutamente espontânea;
- b) O “empirismo” declara que a linguagem infantil se forma pela imitação e não pela imaginação.

Há, ainda, uma terceira teoria, a conciliatória que admite uma atividade congênita, instintiva, involuntária e ancestral, sem a qual não pode haver imitação. Trata-se da atividade fisiológica do próprio organismo em desenvolver a linguagem oral.

A análise da linguagem infantil é considerada levando-se em consideração a aquisição da linguagem oral como sendo fase posterior às habilidades pré-linguísticas. As três dimensões da linguagem são a forma, que inclui a fonologia e a morfossintaxe; o conteúdo, que aborda o léxico e a semântica das palavras e locuções; e o uso, com as habilidades pragmáticas como regras conversacionais e as funções de comunicação.

Ludlow (1980) e Aram (1991) apud Capellini e Oliveira (2003) descrevem as dimensões da linguagem, que são aspectos importantes e fundamentais na aquisição da linguagem normal da criança, conforme explicação que segue:

- a) Forma
 - Fonologia: refere-se aos sons da fala de uma linguagem e suas regras que são seguidas pelos falantes para a combinação e pronúncia de uma língua.

- Morfossintaxe: compõe-se pelos aspectos da morfologia e sintaxe, ou seja, os morfemas de uma língua dentro do sistema de regras seguidas pelos falantes, quando combinadas em frases, resultando na descrição das estruturas entre as palavras em uma sentença – a representação do padrão gramatical de uma sentença.

b) Conteúdo

- Léxico: compõem as palavras significadas dentro de uma língua.

- Semântica: refere-se aos significados em combinações nas palavras e frases, dentro da língua falada.

c) Uso

- Habilidades pragmáticas: acontece na linguagem entre o sujeito e outros significados em situações diversificadas em um contexto de relações interpessoais.

Com o passar dos anos, a competência linguística da criança vai envolvendo a interação de muitas habilidades, ou seja, a linguagem será moldada com o desenvolvimento das habilidades fonológicas de maneira sistemática, o que se observa quando a criança tenta produzir a fonologia do adulto. Além da maturidade física, a criança necessita também da estruturação gramatical das frases, a fim de se conseguir ter uma linguagem emitida sem esforço (CAPELLINI E OLIVEIRA, 2003).

A aquisição da língua vernácula pela criança independe de qualquer orientação especial, ou seja, os pais ou responsáveis podem gastar horas tentando treinar, ou mesmo forçando a criança a apreender as informações por eles emitidas e podem não conseguir êxito algum. As crianças podem aprender uma língua brincando com outras crianças que a falam o melhor que podem, apesar de todos os esforços concentrados dos pais.

Esse aspecto não implica que os pais não tenham importância para a aquisição da linguagem pela criança, pelo contrário, a presença deles é de extrema importância neste processo, principalmente a figura da mãe, que atuará emocionalmente com uma grande intensidade na psique da criança que inicia a aquisição da linguagem (SILVA, 1999).

Pode-se observar ao longo das pesquisas sobre aquisição da linguagem, que ela é uniforme na espécie humana e específica da espécie humana, ou seja, toda pessoa normal aprende uma língua humana. Este processo é ainda mais notável pela relativa rapidez e por sua perfeição.

Quando se tenta analisar uma língua para ver como funciona, descobre-se ser ela extraordinariamente complexa, abrangendo princípios de organização altamente abstratos. Ainda assim, nos primeiros anos de sua vida, qualquer criança consegue dominar pelo menos um desses sistemas.

O sistema linguístico dominado pela criança, além disso, é idêntico para todos os fins práticos ao sistema empregado pelas pessoas que a cercam. Se a criança for regularmente submetida a duas línguas, provavelmente aprenderá as duas; ainda mais, conseguirá manter os dois sistemas linguísticos separados, o que em si é também um feito considerável.

Levando em conta que a leitura auxilia no processo de aquisição da linguagem, estudos anteriores revelam a existência de uma relação entre consciência fonológica e aquisição da leitura. Eles explicam que “os estágios iniciais da consciência fonológica contribuem para o estabelecimento dos estágios iniciais do processo de leitura, e estes, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento de habilidades fonológicas mais complexas” (CUNHA E CAPELLINI, 2009, p. 57)

A partir disso, confirma-se que enquanto a consciência de alguns segmentos sonoros desenvolve-se naturalmente, a consciência fonêmica parece exigir experiência específica em atividades que possibilitam a identificação da correspondência entre os elementos fonêmicos da fala e os elementos grafêmicos da escrita. O contato com a linguagem escrita também possibilita o desenvolvimento desta capacidade, assim como esse desenvolvimento auxilia nos níveis mais avançados de leitura.

É importante ressaltar que a criança, em meio ao ambiente de sala de aula, pode não acompanhar o processo de desenvolvimento da linguagem oral. O que se observa é que muitas crianças apresentam dificuldades de aprendizado na leitura em consequência de alterações anteriores ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Torna-se necessário entender que prejuízos nesse processo podem estar relacionados não a fatores inerentes ao perfil pedagógico estabelecido na escola, mas sim a problemas fisiológicos da própria criança, como disfunção neuropsicológica, fatores genéticos ou neurológicos, e que acarretam dificuldades que se refletem na aprendizagem não só da leitura como também da escrita, por meio de distúrbios específicos de leitura (dislexia) e o distúrbio de aprendizagem sem retardo mental.

No que diz respeito à aquisição da linguagem, na realidade, é admissível apesar das deficiências físicas e psicológicas. Nem mesmo a incapacidade de ouvir, nem a de emitir sons vocais impedirão uma criança de dominar um sistema linguístico. No tocante à realidade de crianças surdas, é evidentemente necessário um treinamento especial, pois um surdo não pode aprender uma língua ouvindo-a.

Dessa maneira, o que se observa é que as crianças incapazes de usar seus órgãos vocais para produzir sons vocais podem, no entanto, aprender uma língua sem dificuldades especiais. São capazes de abranger perfeitamente uma língua e podem aprender a comunicar-

se por escrito como qualquer outra pessoa. A aquisição da linguagem, dessa forma, não depende de maneira decisiva da expressão verbal (SILVA, 1999).

2.2.1 Estágios de desenvolvimento da linguagem

O conceito de estágio é dinâmico e não estático, por isso, é importante que se fale que a sucessão de estágios não acontece de forma linear, ou seja, algumas mudanças podem ocorrer ao longo da trajetória do desenvolvimento. De qualquer forma, o desenvolvimento da linguagem ocorre, com algumas especificidades, de forma universal e contínua.

Nota-se que a criança com cerca de 3 a 4 meses começa a balbuciar primeiro as vogais e depois, com aproximadamente 6 a 12 meses, combinações de vogais e consoantes, sendo que as primeiras palavras podem ser expressas entre 10 e 12 meses. A partir disso, a criança começa a produzir variadas formas de uma palavra. Com 24 a 30 meses, novas combinações de palavras são apresentadas e por volta dos 3 anos a maioria das crianças já dominou estruturas importantes de suas línguas maternas.

É importante ressaltar que a criança, desde que nasce, já vem sendo inserida em um contexto simbólico, onde a fala do outro a interpreta e lhe imprime significado e, em alguns dias de vida, a criança consegue distinguir a fala de outros sons. A partir dos 10 meses, o ritmo, a entonação, a intensidade e a duração da fala começam a ser recorrentes e estruturados (SCARPA, 2006).

Penna (1970) aborda que a criança, por volta dos dois meses, já revela interesse pela voz humana, demonstrando o desenvolvimento perceptivo por meio de interrupção ou mudança de ocupação. A partir dos 6 (seis) meses a criança consegue distinguir entre uma voz amistosa e uma voz reprovadora e aos nove meses observa-se uma certa capacidade discriminatória quanto às palavras faladas pelo adulto, no sentido de que algumas chamam-lhe mais atenção.

As considerações infantis quanto aos nomes de objetos em geral, limitam-se aos que a criança faz a eles e ao que os mesmos produzem nela. Todas as coisas vindas através dos sentidos ou da manipulação revelam-se úteis à formação de conceitos. No começo, qualquer homem é chamado de papai e qualquer mulher de mamãe. Existe ainda o conceito generalizado, por exemplo, bola é qualquer objeto redondo como uma laranja, uma maçã, entre outros. Depois de algum tempo, ocorre o fenômeno da diferenciação e a criança passa a

ver que o “papai” não é mais qualquer homem e sim aquele determinado homem, com características bem definidas (BUDIN, 1949).

Uma criança, ao alcançar a idade de cinco a seis anos, normalmente já contraiu os elementos básicos de sua língua materna, podendo criar e compreender naturalmente um número quase infinito de frases que ainda não se tinham apresentado formalmente diante de si (SILVA, 1999).

Lanche (1977) enumera de forma geral e resumida o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, ou seja, faz a abordagem da evolução ou desenvolvimento da linguagem nos primeiros anos da vida da criança, nos passos que se segue:

a) nos primeiros dois meses de vida, os nenês emitem todos os sons da linguagem humana, assim, a criança gradualmente se torna capaz de produzir vários sons. Uma afirmação mais precisa seria dizer que se modificam as frequências comparativas dos vários sons da linguagem, à medida que se dá o desenvolvimento.

b) do terceiro mês em diante, expressões traduzem estados de satisfação. A criança brinca com os sons do mesmo modo porque, mais tarde, movimenta os braços e as pernas. É a fase do “balbucio”, em que são empregadas todas as vogais e grande parte das consoantes, aparecendo, ainda, sons guturais e nasais para os quais não existem símbolos. Vêm, primeiro, os labiais: p, b, m; por último os guturais: k, g, r. Aos seis meses, as diferenças de sons se tornam acentuadas e correspondem a estados de alegria, de cólera ou de indiferença.

c) antes dos 10 meses, aproximadamente, a criança passa pelo estágio pré-verbal:

- 1ª fase: A criança manifesta oralmente suas sensações agradáveis e desagradáveis. A expressão vocal é espontânea, sem imitações.

- 2ª fase: A criança tenta imitar o que escuta, sem lhe atribuir significação particular.

- 3ª fase: A criança compreende algumas palavras sem poder repeti-las.

Os olhos buscam a pessoa que fala. Atua sobre a criança um som vocal; às vezes, uma palavra característica ou um conjunto indeterminado onde sobressai uma espécie de melodia da linguagem. Paulatinamente, o idioma passa a ser compreendido de maneira mais precisa. Aos oito meses, existem movimentos independentes; aos nove, compreendem-se gestos simples.

d) entre os 10 e os 14 meses, é pronunciada a primeira palavra com significação. As primeiras manifestações intencionais de comunicação vão desenvolver-se progressivamente: os substantivos aparecem primeiro, depois os verbos, os adjetivos e os advérbios.

A título de exemplo, eis a progressão constatada numa criança:

- 3 palavras aos 12 meses,
- 20 palavras aos 15 meses,
- 23 palavras aos 18 meses.

A aquisição se faz muito lentamente no início e a palavra pode ter então várias significações. Os adultos exprimem por meio de uma oração o que as crianças fazem com um só vocábulo. A oração de duas palavras surge quando a criança completa um ano e meio, ou mesmo mais tarde. Verifica-se como um encaixe de duas frases de uma única palavra.

2.3 O PAPEL DA ESCOLA E DOS PROFESSORES NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL

Uma forma de trabalhar a linguagem oral é tomar como base a leitura de textos e refletir sobre eles por meio de indagações, como é observado em um exemplo citado por Antunes (2009), que relata que:

Num exercício de classe, uma professora solicitou que os alunos analisassem um texto escrito em português do século XVII e pediu que eles opinassem sobre a linguagem usada pelo autor. A maioria dos alunos foi taxativa em mostrar que “o texto estava cheio de erros” (ANTUNES, 2009, p. 29).

Para Geraldi (1997), o texto é o espaço dentro do qual as palavras e as frases têm significado, é por meio do texto que o sujeito se torna social e constrói a história. É através dele que ocorre toda interação verbal humana, seja ele de que tamanho for, estando em qualquer situação, sendo oral ou escrito.

O texto é o lugar onde os sujeitos históricos, conversam, constituem-se e constituem as coisas do mundo, transformando-as em objetos de discurso, ou melhor, objetos pelos quais é possível transformar-se a própria realidade. Os sentidos do texto se edificam a partir do texto, com a participação dos interlocutores que se aportam no conhecimento de mundo que detêm de si, do outro e do contexto de sua produção (CARVALHO, 2008).

A leitura permite o acesso a um imenso acervo cultural produzido ao longo da história da humanidade, ampliando, dessa forma, o repertório de informações que o indivíduo

alberga. Através dela é que se tem ingresso a uma vasta gama de ideias e informações, novos dados e perspectivas e, além disso, é por meio da leitura que se expressa o princípio democrático onde “todos têm direito à informação, ao acesso aos bens culturais já produzidos, aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos nas sociedades, sejam elas letradas ou não”. (ANTUNES, 2009, p. 193).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1998) expandem a visão do que seja uma boa aprendizagem, quando debatem a mediação do professor no trabalho com a linguagem. Fazem isso ao assegurarem que as atividades devem ser planejadas levando-se em conta a competência discursiva dos alunos.

É importante que a escola assuma o papel de apontar o conflito entre a necessidade da padronização e o respeito às diferenças, orientando os alunos a entender que a linguagem está em constante processo de formação e aperfeiçoamento. Entretanto, o que se observa é que o trabalho da escola ainda acontece focado em análises sintáticas fechadas de frases soltas, de textos prontos, sem que haja a exploração dos sentidos, das intenções, das implicações socioculturais e, sobretudo, do papel das ações verbais na direção da própria história das pessoas.

Avaliações de diferentes níveis que vêm sendo realizadas ao longo dos anos no Brasil estimam e demonstram que a escola é ainda falha em relação à prática da leitura em sala de aula. Ao que nota-se, o livro, em algumas escolas do país, não é usado de forma contínua, o que mostra uma pesquisa realizada em Campinas (SP) onde se observou que existiam escolas nas quais não se reservava tempo para a prática da leitura, sendo ministradas apenas as noções de gramática (ANTUNES, 2009).

De forma generalizada, espera-se que apenas o professor de línguas exercite a leitura em sala de aula, entretanto, engana-se quem pensa dessa forma, pois as demais disciplinas como história, matemática, biologia entre outras, exigem que os textos sejam lidos e compreendidos. É importante notar ainda que “todo professor, de qualquer disciplina, é um leitor e, para sua atividade de ensino, depende necessariamente, do convívio com textos os mais diversos” (ANTUNES, 2009, p. 187).

Por outro lado, o citado autor afirma que não é obrigação exclusiva da escola o papel de desenvolvimento de práticas relacionadas à leitura e à compreensão de textos, não se excluindo a intervenção de outras instituições sócias no contexto de aprendizagem da linguagem como a família, os meios de comunicação, entre outras. A escola, neste caso, é importante encarregada de promover, aprofundar e sistematizar o aprendizado, mas não está sozinha nesta empreitada.

O que nota-se é que alguns professores, não todos, mas a grande maioria apontam que a criança não aprende porque não tem interesse, que ela tem problemas, que não sabem resolver suas atividades sozinhas entre outros aspectos que não favorecem a aprendizagem da linguagem. Muitos docentes relatam ainda que por os pais não saberem ler e escrever, conseqüentemente, não conseguem ajudar seus filhos com as atividades escolares.

Tentando se eximir da responsabilidade, os professores jogam a culpa do fracasso dos alunos nas próprias crianças, nos pais e no meio cultural que elas estão inseridas e o que piora é que esses professores não ajudam de forma alguma nas dificuldades apresentadas por esses alunos. Entretanto, algumas pesquisas realizadas demonstram que as crianças têm apropriado desenvolvimento cultural e linguístico e que é a escola que proporciona dificuldade para lidar com as diversidades culturais e linguísticas de seus alunos.

Alguns autores como Lemle (2003) e Cagliari (2002) defendem a ideia de que a escola deve debater as convenções sociais da escrita, assim como as questões políticas e mostrar ao aluno que ele deve entender como a língua funciona na sociedade, explanando que o dialeto da sua comunidade é tão bom como qualquer outro dialeto de prestígio (CAMPOS, 2011).

A palavra é um instrumento privilegiado na edificação do saber, o quê, como é falado, ou deixado de falar, na relação professor-aluno na dinâmica do ensino e aprendizagem, têm efeitos importantes, que contribuem para o bom avanço da criança ou não. Portanto, conclui-se com o pensamento da autora que a língua é o meio mais respeitável para desenvolvimento da consciência, por meio da palavra consente abstração generalizante como condução de pensamento e o homem faz passagem do sensorial ao racional.

Observa-se que o tempo da criança deve ser ocupado com conteúdo e atividade que ampliem o raciocínio, o discernimento, a criatividade, a competência comunicativa e o apreço pela leitura. Isso pode levar a um aumento da autoestima e da confiança, além do desenvolvimento do lado afetivo e, ainda, pode ajudar a criança a compreender a si mesmo, o outro e o mundo.

Dessa maneira, a aula deve fluir por meio de um diálogo entre educador e educando, mediado pelo conhecimento, um espaço onde a criança tem a palavra, ouve, fala, lê, escreve, opina e questiona. É necessário, no processo de leitura e escrita, permitir que a criança realize suas próprias descobertas, com a ajuda do outro, bastando apenas que o professor oriente e interceda sua aprendizagem.

A escola deve garantir um ensino competente e crítico da leitura e escrita e, para isso, é necessário que se supere as práticas tradicionais de ensino, já adotadas por diversos anos,

processo sofrido de memorização, em que a criança lê e escreve sem saber para quê, por métodos que valorizem mais a contextualização no processo de aprendizagem da linguagem (CAMPOS, 2011).

O papel reservado à escola está em aumentar e melhorar a competência comunicativa dos alunos dentro de um espaço de tempo de onze anos de educação básica. Todavia, o que se observa é que diferentemente de ensinar textos como atividades sociais, nas aulas de língua, a escola tem se dedicado a ensinar textos como atividades escolares, as quais, fora dos muros da instituição, não existem (CARVALHO, 2008).

A forma padronizada e homogênea que a escola traz é bastante equivocada, pois as crianças são diferentes uma das outras, no seu jeito de pensar, no saber e no modo de processar e elaborar o conhecimento. Dessa maneira, a escola e os próprios docentes precisam se atualizar, sair do hábito do ensino de massa, imposto pela indústria cultural dos livros didáticos (CAMPOS, 2011).

Smolka (2003) e Soares (1993) entendem que o processo de aprendizagem da língua deve ser constituído em prática discursiva, em torno de textos orais, escrito, em diferentes tipos de gêneros e que também é dependente das condições de produção de quem fala ou escreve, para quem fala ou escreve, quando e onde fala e escreve.

Para essas autoras, a língua é um produto cultural arquitetado na interlocução, em um processo de diálogo. A produção da linguagem tanto na modalidade oral como escrita é baseada na produção do discurso. Assim, há necessidade de se trabalhar a leitura e escrita como prática discursiva e dialógica no processo de aprendizagem, desde as séries escolares iniciais.

Uma questão bastante observada é aquela em que as crianças que não têm prática de leitura e escrita no seu meio cultural ficam em desvantagem diante daqueles que vivem em um ambiente letrado e o professor precisa, neste caso, propiciar em sala de aula um ambiente onde esses alunos possam vivenciar uma situação real onde façam o uso da linguagem, levando a consumir, produzir e entender sua função e funcionamento.

Estudos da área linguística mostram que a linguagem não é ensinada, ou melhor, a criança não consegue assimilar de forma produtiva uma linguagem ensinada de forma mecânica. A língua é um fenômeno social, dinâmico, vivo e mutável, não funciona sempre do mesmo jeito, ela muda de acordo com o contexto, a situação de produção e a intenção do interlocutor (CAMPOS, 2011).

Os PCN's (BRASIL, 1998), ao discorrerem sobre a divisão de conteúdos por série e a forma de trabalhar tais conteúdos, advertem a importância de se trabalhar o texto dentro de

momentos de interação, como acontece fora da escola. Entretanto, nas salas de aula, tais práticas de linguagem são diferentes, pois a reflexão sobre as práticas discursivas deve ser explícita e organizada.

Trata-se de ler/ouvir, escrever/falar e pensar sobre os momentos em que essas atividades acontecem, em que lugar, quem participa delas e por que, para melhorá-las. Não cabem exercícios nos quais os objetivos sejam decorar regras e seus nomes apenas pelo “prazer” de decorá-las.

Carvalho (2008) relata a importância dos educadores se tornarem pesquisadores aprofundados da forma de ensinar a linguagem a fim de apreendê-la realmente e melhorar a forma de trabalhar o ensino da mesma. A autora aponta que “é mais que a aplicação de novas formas de se ensinar, é a verdadeira compreensão do que é e como são usadas a língua e linguagem na sociedade para a construção, pela reflexão, de momentos de ensino e, conseqüentemente, de aprendizado real” (CARVALHO, 2008, p. 18).

A forma como a escola aborda o aprendizado é, por muitas vezes, falho, como aponta Serafini (2003):

As redações de nossa escola não incentivam a escrita porque são vistas como uma tarefa escolar que não envolve o aluno pessoalmente; de fato, elas não têm uma correspondência no mundo “real” e frequentemente tratam de assuntos de pouco interesse dos alunos, porque não têm relação com sua experiência. (...) Enfim, os críticos da redação observam que ela é uma produção lingüística anômala, uma vez que não tem um destinatário real. Na realidade ela é escrita para o professor não como pessoa a quem se comunica algo, como ocorre com toda mensagem, mas como avaliador. (SERAFINI, 2003, p. 18)

Uma das opções válidas para tornar esse processo de aprendizado cada vez mais acessível é implantar o trabalho diferencial das oficinas, o qual Carvalho (2008) aponta como sendo uma das formas de tornar as atividades de ensino-aprendizagem, atividades sociais de uso da língua, diferentemente do que é feito com as redações escolares.

A importância das oficinas está em transformar a escola para que ela deixe de ser apenas a tradicional repassadora e cobradora de conteúdos para se tornar centro de aprendizagem significativa desses mesmos conteúdos. Além disso, é preciso que o professor abandone a função de mero informador de conhecimentos para se tornar o condutor do aprender a aprender (CARVALHO, 2008).

Outro ponto importante relacionado à prática pedagógica para desenvolvimento da linguagem oral inclui um programa de leitura de histórias. Alguns estudos confirmaram que a

experiência de ouvir histórias desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem. A frequência com que as crianças escutavam histórias aos 5 anos de idade correlacionou-se significativamente com a extensão do seu vocabulário até a idade de 10 anos.

A leitura de histórias é, com efeito, uma ocasião potencialmente rica para o desenvolvimento do vocabulário, em virtude do fato de as histórias conterem pistas contextuais que ajudam a decifrar o sentido de palavras desconhecidas (FONTES E CARDOSO-MARTINS, 2004, p. 83).

2.4 LEITURA: OBJETO RELEVANTE NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL

O ser humano ler para interagir, especialmente por que é caçador do sentido do outro ser humano, entretanto, em sala de aula, a leitura torna-se uma atividade artificial, sem sentido e, principalmente, os docentes percebem que a leitura apresenta-se apenas como a decifração de códigos, o que dificulta o processo de ensino da linguagem por meio da leitura.

Para Marcuschi (2005, p. 52), a leitura é mais que a “simples apreensão de significados literais”, é uma produção interativa e criativa. Desse modo, a leitura é um processo de interlocução, no qual se tem a palavra do autor que é contraposta à opinião do leitor. Essa contraposição de opiniões se relaciona, durante o processo de leitura, com o autor do texto, as expressões linguísticas escolhidas, o mundo no qual autor, texto e interlocutor estão inseridos e a visão deste mundo que os sujeitos têm.

Estudos observam que uma das atividades que ajuda no desenvolvimento tanto físico quanto intelectual das crianças é a leitura, pois ela estimula a criança na imaginação do mundo que aparece na história e como seria se elas mesmas fizessem parte da história contada pelos educadores (LIMA, 2011).

A implantação, no espaço escolar, de atividades que desenvolvem a leitura é de fundamental importância para a criança. Estruturas presentes nas escolas como espaços de recreação, salas ambientes, refeitórios e dormitórios decorados, playground, entre outras são imprescindíveis para que a criança consiga um bom progresso em seu desenvolvimento, pois além de praticarem atividades incentivadoras para que a criança inicie a curiosidade pela

leitura é também uma forte motivação de seus educadores sobre o quanto a leitura é essencial para todos, por toda a vida e para seu próprio desenvolvimento intelectual.

Lima (2011) observou em sua pesquisa o interesse que as crianças da Educação Infantil têm pela leitura, o que não deve ser diferente no Ensino Fundamental e relata:

No meu caso, o que mais me chamou a atenção foi observar o interesse que as crianças estão construindo sobre a leitura, pois os próprios educadores trabalham as historinhas através de representações com fantoches ou utilizando as próprias crianças, as quais ficam eufóricas por quererem participar dessa representação administrada por seus educadores (LIMA, 2011, p. 1).

Miralha (2008) assinala algumas das práticas docentes que observa em seu trabalho, as quais possibilitam o desenvolvimento da linguagem oral, apontadas pelos próprios professores que incluem: registrar o nome em um texto sobre o dia a dia, contar a história do livro de leitura que levou para ler em casa, escrever uma carta para uma colega que vai partir. Essas atividades acabam por motivar os alunos para que eles desenvolvam interesse pelo conteúdo a ser aprendido.

Estratégias que utilizam a poesia são também marcadas como atividades que desenvolvem o interesse dos alunos e conseqüentemente auxiliam no processo da ampliação da linguagem oral, como cantar ou recitar a poesia, bem como localizar palavras no texto, organizar quebra-cabeça, reconhecer palavras iniciadas com letras iguais, entre outras.

Suasuna apud Moura (2008) mostra que um gênero infantil muito apreciado pelas crianças e que apoia a prática do ensino da linguagem oral é a história em quadrinhos (HQ). Ela tem grande potencial educativo, entretanto observa-se que muitos educadores deixam de aplicá-la. A escola, porém, defende-se quando afirma que não aplica de forma efetiva essa prática devido à falta de sistematização científica sobre seu uso em sala de aula e, ainda, que há pouco estudo sobre o emprego das HQ como um dos incentivos às práticas de leitura.

Diante das exposições feitas sobre a importância da leitura para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, o que se espera é que a escola e, principalmente, o docente se empenhe em usar essa arma, que é de tão grande valia no processo de ampliação dos conhecimentos e no desenvolvimento da oralidade das crianças no que diz respeito às séries iniciais do Ensino Fundamental.

CAPÍTULO III

RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS OBTIDOS

Este capítulo aponta os dados obtidos por meio da pesquisa de campo e complementa com sua análise, sendo apresentadas as discussões a respeito do tema e que corroboram ou discordam do que se conseguiu obter na coleta de dados. Os dados da observação e da entrevista com as professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental da escola estudada serão confrontados a fim de se conhecer a realidade e as informações acerca das práticas pedagógicas utilizadas no desenvolvimento da linguagem oral com essas crianças.

As professoras, fontes de dados deste trabalho, foram denominadas para compor esta pesquisa conforme a ordem de desenvolvimento das entrevistas. Cada professora foi nomeada com a palavra PROFESSORA acompanhada da sequência de letras do alfabeto, ou melhor, a primeira professora entrevistada foi nomeada de PROFESSORA A, a segunda professora de PROFESSORA B e assim por diante.

Para organizar a análise dos dados obtidos em função de um melhor dimensionamento do assunto em estudo, a fim de se conseguir confrontá-los com as observações feitas em sala de aula e com a abordagem realizada pelos estudiosos da temática, as perguntas da entrevista foram disponibilizadas em categorias de análises as quais são consideradas a seguir:

Categoria 1: As práticas utilizadas pelos docentes em sala de aula para desenvolverem a linguagem oral de seus alunos;

Categoria 2: Os momentos os quais são realizadas as práticas de linguagem oral;

Categoria 3: O apoio da escola para o desenvolvimento dessas práticas;

Categoria 4: A avaliação do professor em relação ao desenvolvimento linguístico de seus alunos;

Categoria 5: O apoio dos pais à escola, ao professor e ao aluno no que diz respeito o desenvolvimento da linguagem oral de seus filhos.

3.1 AS PRÁTICAS UTILIZADAS PELOS DOCENTES EM SALA DE AULA PARA DESENVOLVEREM A LINGUAGEM ORAL DE SEUS ALUNOS

Na entrevista realizada com as professoras, elas foram indagadas em relação às atividades que desempenham em sala de aula para promover o desenvolvimento da linguagem oral com a seguinte pergunta: Quais são as práticas ou atividades que você utiliza para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças? As respostas apresentadas seguem abaixo:

Através da leitura de textos com questionamentos, perguntas sobre textos lidos, interpretação, narrativas feitas pelas crianças, lendas, histórias reais ou imaginadas, comentários sobre personagens, atitudes, etc.

(PROFESSORA A)

São trabalhadas atividades que estimulam os alunos a participar de situações orais: exploração de texto, teatro, dramatização, contação de histórias, jogos, brincadeiras, músicas, apreciação de vídeo.

(PROFESSORA B)

Através de aulas expositivas que desenvolvem o coletivo, assim cada criança se expressa oralmente dando seu conceito já formado sobre o assunto.

(PROFESSORA C)

Expressão dos alunos sobre assuntos pessoais ou variadas discussões sobre o conteúdo abordado, leitura de texto e até mesmo na correção dos exercícios.

(PROFESSORA D)

Diante das respostas, pode-se concluir que as professoras utilizam as mais variadas formas de estratégias para desenvolver a linguagem oral de seus alunos. Marques (2011) aponta que o brincar faz parte da criança, portanto atividades de aprendizado realizadas por meio de jogos lúdicos, do brincar e da brincadeira desenvolvem a capacidade psicológica, intelectual, emocional, físico-motora e social das crianças e, com isso, contribuem no desenvolvimento não somente da linguagem oral, mas no desenvolvimento educacional como um todo.

Para a autora, na maioria das vezes, as aulas são monótonas e vazias em consequência das repetições dos exercícios educativos, mas com a utilização de atividades diversificadas as crianças são despertadas e passam a interessar-se pelo assunto de maneira mais prazerosa.

Outro autor, Moura (2008), salienta que a música apresentada em sala de aula revela vantagens quanto à sua utilização no desenvolvimento da oralidade. Canções em sala de aula despertam a motivação dos educandos, sendo uma importante e eficiente ferramenta didática.

Analisando as atividades apontadas pelas docentes, nota-se que apenas as professoras A e B desenvolvem atividades diversificadas e afastam os alunos da rotina diária a qual já estão acostumados. Essas atividades como narrativas de lendas e histórias reais contadas pelas crianças, teatro, jogos, brincadeiras, música, entre outras exploram o conhecimento da criança dentro do seu próprio mundo, aquele mundo imaginário e cheio de fantasias o qual a criança consegue assimilar muito bem.

As demais professoras abordam apenas o contexto diário de sala de aula, que corresponde somente à leitura de textos, respondendo os questionamentos feitos pelas professoras sobre o assunto que está sendo explicado, correção oral dos exercícios entre outras abordagens que não aguçam a curiosidade e o interesse das crianças, a fim de que elas trabalhem a oralidade dentro do âmbito de sala de aula.

Diante do observado, entende-se que é dever da escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas mais diversificadas situações de comunicação, principalmente quando são realizadas entrevistas, debates, seminários, diálogos, dramatizações, entre outras manifestações orais com o intuito de treinar a fala assim como treinar a escuta das crianças (BRASIL, 1997).

3.2 OS MOMENTOS OS QUAIS SÃO REALIZADAS AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM ORAL

Ao serem questionadas: Quais os principais momentos em que você pratica a linguagem oral? As professoras emitiram as seguintes respostas:

Quando faço leitura de texto em sala de aula; atividades artísticas, musicais através de DVD, filmes na TV. Interpretação de gravuras oralmente, dramatizar os textos lidos.
(PROFESSORA A)

Na hora da história, trabalho com textos, utilização de jogos e brincadeiras, roda de conversa.
(PROFESSORA B)

Na exposição do assunto, através do conhecimento prévio dos mesmos.
(PROFESSORA C)

Principalmente na exploração de textos, sejam eles científicos, históricos ou um conto qualquer, visto que isso leva a opiniões ou exemplos vividos ou observado, a vivência do aluno conta muito nessa hora. Nos fatos vividos por eles ou pela comunidade, ou até mesmo notícias no jornal são bem vindos no meio de nossas conversas. O importante é deixar a criança se expressar e ter a chance de expor seus pensamentos. Mas até esse momento, a professora deve mediar, para que não vire uma farrá. Assim, ela aprenderá a falar e a ouvir.

P.s: No momento, o principal assunto entre eles é o final do campeonato brasileiro, e porque não aproveitar?!?!
(PROFESSORA D)

As professoras destacaram que desenvolvem as atividades principalmente quando trabalham com os textos de contos, textos que possuam gravuras, para que a criança expresse sua visão sobre as histórias apresentadas nos textos e sobre o que elas veem quando se deparam com as figuras destes textos.

Além disso, as professoras trabalham a linguagem oral em momentos especiais em sala de aula, ou seja, quando levam para a aula atividades artísticas, musicais, quando mostram filmes às crianças e os induzem a produzir uma pequena dramatização dos textos lidos em sala de aula.

A PROFESSORA B utiliza a linguagem oral em rodas de conversas, as quais despertam o interesse das crianças para relatarem fatos do seu próprio dia a dia, e assim interagem de forma consistente e conseqüentemente praticam a oralidade, tanto a sua própria quanto a oralidade dos colegas.

As rodas de conversas promovem o desenvolvimento da linguagem oral, pois constituem atividades didáticas de formação de atitude favorável à leitura. Elas podem ser denominadas de “Hora de Histórias”, “Roda de Leitores”, onde os alunos escolhem a leitura, fazem a leitura em voz alta, relatam suas impressões, seus pensamentos e opiniões sobre o texto abordado (BRASIL, 1997).

A PROFESSORA D ressalta que a exploração de textos, sejam eles históricos ou de contos, promovem um bom desenvolvimento da linguagem oral das crianças, pois elas expressam suas opiniões sobre o contexto abordado dando exemplos próprios, por eles vivenciados. Ela aponta que as experiências vividas pelos alunos dão um maior apoio nesses

momentos. Para ela, é importante permitir que a criança expresse seus pensamentos, pois assim haverá uma contribuição no aprendizado.

É importante que o docente interceda para que ocorra a interpretação própria dos educandos quando eles recontam oralmente as histórias lidas nas rodas de conversas/leitura. O professor deve ceder espaço para a liberdade de expressão das crianças, possibilitando a ampliação do vocabulário dos alunos para melhorar o desenvolvimento oral das crianças.

Rocha (2010, p. 28), ao abordar a necessidade da condução da reconstrução dos fatos pelas crianças, afirma: “é um importante papel para a construção do discurso infantil, seja por meio de perguntas eliciadoras, quando as crianças ainda não possuem domínio de seu discurso, como através dos turnos de interação com as mesmas”.

3.3 O APOIO DA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DESSAS PRÁTICAS

Durante a entrevista as professoras foram interrogadas: A escola proporciona material suficiente para o desenvolvimento de uma boa linguagem oral? Comente. Elas responderam o seguinte:

Sim, sempre que os professores precisam fazer um trabalho de dramatização, passar vídeo na TV, materiais para confecção de qualquer trabalho na escola, temos materiais.

(PROFESSORA A)

Em parte, porque a escola não dispõe de recursos suficientes para desenvolver atividades diversas.

(PROFESSORA B)

Não.

(PROFESSORA C)

Bom, eu, enquanto professora do 5º ano, estimo meus alunos a se expressarem sendo em uma peça de teatro, ou leitura de texto ou comentando sobre o seu dia a dia, pois infelizmente os recursos da escola são limitados.

(PROFESSORA D)

Para Amaral (2007), a escola é o local onde a criança tem contato com tarefas que promovem o desenvolvimento das competências comunicativas e afirma que

“tradicionalmente apontada como o local onde se aprende a ler e escrever, a escola passa, nesta perspectiva, a ser o local onde a criança terá que desenvolver também capacidades na modalidade oral da linguagem” (p. 24). Diante dessa perspectiva, observa-se que a escola detém um papel regulador no processo de aprendizagem.

Entretanto, o relato das professoras mostra que a escola estudada não é tão participativa no desenvolvimento de atividades que auxiliem na construção da linguagem oral dos alunos. Não porque falte interesse por parte dos indivíduos que a dirigem, mas porque não dispõe de recursos suficientes para isso.

A PROFESSORA A referiu que sempre que os docentes necessitam realizar uma atividade de dramatização, precisam do aparelho de TV ou de outros materiais e a escola disponibiliza. Entretanto, o que as outras professoras entrevistadas responderam difere da resposta dada pela PROFESSORA A. Elas afirmam que a escola não auxilia no desenvolvimento oral das crianças, por não dispor de recursos suficientes ou estes serem limitados para proporcionar as atividades.

Durante a observação realizada na escola para compor esta pesquisa, pode-se notar que por ser uma instituição pública os recursos são realmente deficientes, o que pode prejudicar o andamento das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes, mas percebe-se que eles se esforçam para sanar esta dificuldade, promovendo aos alunos outras medidas educativas que também são imprescindíveis para o desenvolvimento da oralidade das crianças.

3.4 A AVALIAÇÃO DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DE SEUS ALUNOS

Em relação à maneira como as professoras avaliam o desempenho linguístico dos seus educandos, uma das docentes, a PROFESSORA A, não conseguiu entender a proposta da indagação, a qual era conhecer o meio pelo qual as professoras visualizam o desenvolvimento oral das crianças. As demais professoras interrogadas conseguiram alcançar, com suas respostas, a proposta da questão. O questionamento consistia da seguinte pergunta: Como você avalia o desempenho linguístico dos seus educandos? As respostas seguem abaixo:

Regular.

(PROFESSORA A)

Por meio de observação diária percebe-se que alunos expressam-se oralmente; manifestando ideias, opiniões, argumentos, sentimentos e emoções.

(PROFESSORA B)

Através de leitura (textos).

(PROFESSORA C)

Com conversa e expressões sem compromisso. Com apresentações de seus trabalhos e textos. Através de debates com temas propostos. Na leitura de textos escritos.

(PROFESSORA D)

As professoras entendem que por meio de observações, conversas, leitura de textos, debates entre outras manifestações das crianças, conseguem calcular o nível de desenvolvimento da oralidade dos alunos. A partir disso, os docentes podem identificar aqueles que estão em um estado regular de desenvolvimento oral, assim como aqueles que estão bem mais avançados e aqueles que necessitam de um maior trabalho para que o desenvolvimento linguístico seja propiciado.

Diante disso, observa-se o que Pérez (1995) apud Teixeira (2006) afirma:

A observação comportamental pode fazer parte de qualquer processo de avaliação, independente de se estar diante de crianças, de se ter oralidade ou mesmo de estar avaliando linguagem. É o procedimento que melhor detecta as funções comunicativas da linguagem, sendo extremamente útil entender a natureza complexa dos processos de aquisição da linguagem (PÉREZ apud TEIXEIRA, 2006, p. 30).

Sugestões e orientações são disponibilizadas aos professores para que eles tornem-se atentos sobre a necessidade de estarem vigilantes aos processos interacionais dos alunos, como conversas, debates, diálogos, pois são fatores indispensáveis no desenvolvimento da linguagem oral da criança (RONCATO E LACERDA, 2005). Dessa maneira, eles conseguirão diagnosticar o nível de desenvolvimento o qual se encontra o aluno.

Sasso (2007) em seu estudo sobre linguagem oral e escrita salienta que os professores devem planejar e direcionar as ações de acordo com a necessidade dos alunos, ou seja, a partir da avaliação do desempenho oral dos educandos, o professor poderá programar situações de ensino e aprendizagem da linguagem oral mais eficazes.

Em adição, é necessário que o professor contenha uma fundamentação teórica em relação aos níveis de desenvolvimento da linguagem oral das crianças para que essas formas de avaliação citadas por eles possam emitir o significado real do grau de desenvolvimento linguístico da criança. Teixeira (2006, p. 9) ressalva que “além de um bom conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, eles precisam dispor de instrumentos que lhes forneçam informações objetivas e confiáveis sobre o progresso das crianças nas diversas áreas do conhecimento”.

3.5 O APOIO DOS PAIS À ESCOLA, AO PROFESSOR E AO ALUNO NO QUE DIZ RESPEITO O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL DE SEUS FILHOS

Os pais são importantes agentes no desenvolvimento da linguagem oral dos filhos. Eles apresentam um papel essencial de estimulação desse desenvolvimento, sendo referência para os filhos. São capazes de corrigir uma palavra, uma frase e precisam ter paciência de esperar o tempo dos filhos e de ouvir neles o melhor dos oradores.

A seriedade da participação dos pais na vida escolar dos filhos tem oferecido um papel importante no desempenho escolar. O diálogo entre a família e a escola tende a contribuir para um equilíbrio no desempenho escolar, o que é possível considerar que a criança e os pais trazem consigo uma ligação íntima com o desempenho (CHECHIA E ANDRADE, 2002).

Nesse contexto, quando indagadas: Em sua opinião os pais auxiliam os filhos no desenvolvimento da linguagem oral? E como os pais podem ajudar os docentes no processo de desenvolvimento da linguagem oral das crianças? As professoras responderam:

Nem todos os pais auxiliam os filhos em relação à educação dos filhos. Para que essas crianças tenham um bom desenvolvimento linguístico era preciso ter uma boa educação em casa, e sempre procurar os professores para saber como está acontecendo o estudo do filho na escola. A partir destas visitas seria uma grande ajuda, tanto para professor e aluno.
(PROFESSORA A)

Não. Os pais podem contribuir, discutindo com os filhos notícias do dia a dia. Tais como: No rádio, TV, jornais, filmes que assistiram, etc. estimular a criança a expor suas opiniões, dúvidas, esclarecendo-os sempre que necessário.

(PROFESSORA B)

Não. Muitas vezes a criança sente dificuldade em se expressar, sendo que na maioria dessas vezes as mesmas não são ajudadas pelos pais.

(PROFESSORA C)

Em primeiro lugar, os pais nem conversam com os filhos. Uma simples discussão sobre uma notícia ou filme, ou até mesmo a novela já ajuda bastante. Mas a maioria não pergunta nem como foi o dia do filho na escola.

(PROFESSORA D)

As entrevistadas afirmam que os pais são ausentes em relação à educação dos filhos; nem todos acompanham o desenvolvimento escolas dos alunos e essa situação acaba por comprometer o desempenho dos educandos. A PROFESSORA D sustenta a ideia de que os pais nem conversam com os filhos, nem procuram saber como foi o dia escolar deles, o que se conclui que eles também não participam na contribuição para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças.

A PROFESSORA A aponta a importância da presença dos pais para que as crianças tenham um bom desempenho no desenvolvimento da oralidade. Seria necessário que a educação começasse dentro de casa e que os pais procurassem os professores a fim de conhecer a realidade escolar de seus filhos.

A PROFESSORA B complementa a abordagem apresentando as maneiras como os pais podem auxiliar os filhos e os professores nas atividades de desenvolvimento da oralidade. Ela aponta que é imprescindível estimular as crianças para que elas consigam um bom resultado quanto a esse desenvolvimento.

Diante de qualquer contrariedade com a escola, é interessante que os pais a procurem. Os pais têm o papel de instigar os filhos a obedecerem às regras da escola, mesmo quando divergem delas, pois assim os ensinarão que necessitam seguir as regras mais amplas da sociedade. Isto é até uma forma de estreitar a relação, tornando-a mais sólida (LOPES, 2009).

O que se nota é que os pais, alunos e professores vivem realidades distintas. Entretanto, é necessário que o processo educativo esteja dentro de um interacionismo recíproco nas relações pais-escola-alunos. Muitas vezes, esse distanciamento não é causado apenas pelos pais, percebe-se que falta na maioria das escolas um projeto estruturado que promova a integração dos pais à realidade escolar dos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a linguagem é o meio pelo qual o ser humano se comunica, se expressa e troca informações com o meio o qual está inserido. Através da linguagem são estabelecidos os valores que dão sentido a todas as coisas existentes na sociedade. A língua, além de representar o pensamento humano e ser um instrumento de comunicação, é elemento pelo qual se dá a interação social

A criança adquire a linguagem ao longo dos anos, quando a sua competência linguística envolve interações, sendo moldada com o desenvolvimento das habilidades fonológicas. A família e a escola constituem papéis muito importantes nesse desenvolvimento, dando apoio e orientações necessárias na construção da oralidade.

Inúmeras são as práticas pedagógicas adotadas pela escola que auxiliam nesse processo, entre elas a leitura e reflexão de textos. O texto torna-se importante ferramenta, pois é um espaço dentro do qual as palavras e frases contêm significado e é através dele que ocorre toda a interação verbal humana. Por outro lado, outras atividades também são importantes quando envolvem a ampliação do raciocínio, criatividade e a competência comunicativa.

É necessário, nesse caso, que a escola garanta um ensino competente, sendo importante que se superem as práticas pedagógicas tradicionais e se adotem métodos que valorizem mais a contextualização no processo de aprendizagem da linguagem.

Diante das informações contidas neste trabalho, comprova-se que as professoras entrevistadas desenvolvem atividades que favorecem o desenvolvimento da linguagem oral das crianças, as quais podem ser citadas: leitura de textos, narrativas feitas pelas crianças, lendas, teatro, jogos, brincadeiras, música, entre outras. Observa-se que os docentes utilizam as mais diversificadas formas de comunicação para trabalhar o processo linguístico dos alunos.

Pode-se compreender, por meio do estudo, que apesar das dificuldades existentes na escola observada, os docentes se esforçam para melhorar o dia a dia das aulas, promovendo aos alunos outros meios que também são importantes no desenvolvimento da linguagem oral.

Desse modo, com os conhecimentos extraídos dos dados coletados, pode-se confirmar que as práticas pedagógicas implementadas pelos docentes a fim de promover o desenvolvimento da linguagem oral das crianças são bastante importantes nesse processo e contribuem na construção na oralidade desses alunos.

Essas informações tornam-se respeitáveis, pois mostram a importância da utilização de práticas pedagógicas diversificadas que favoreçam o aprendizado da linguagem oral. Apontam, ainda, o grande valor que novas pesquisas possuem para corroborar os dados apresentados neste trabalho, a fim de melhorar a educação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, não só da cidade de Parnaíba-PI, mas de várias outras localidades que apostam na importância dessas práticas para uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Isabel. Linguagem na Escola. v.1, n. 2. Dourados: **Educação e Fronteiras**, 2007.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BARBOSA, E. F. **Instrumentos de Coleta de Dados em Pesquisa**. 1999. Disponível em: <<http://serprofessoruniversitario.pro.br/m%C3%B3dulos/metodologia-da-pesquisa/instrumentos-de-coleta-de-dados-em-pesquisas-educacionais>>. Acesso em: 13 out 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa: 5ª a 8ª séries**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. V.7
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas: ALB: Mercado das Letras, 1997.
- BUDIN, Jeanete. **Metodologia da linguagem**. São Paulo: Ed. Nacional, 1949.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 2002.
- CAMPOS, Letycia. A criança e a construção da leitura e da escrita. [S.l]: **Pedagogia ao pé da letra**, 2011. Disponível em < <http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/a-crianca-e-a-construcao-da-leitura-e-escrita-2/>>. Acesso em 02 nov. 2011.
- CAPELLINI, Simone Aparecida; OLIVEIRA, Karina Tamarozzi. Problemas de aprendizagem relacionados às alterações de linguagem. In: CIASCA, Sylvia Maria (Org.). **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- CARVALHO, Fernanda de Abreu. **Textos produzidos na escola: uma reflexão sobre a prática docente no ensino médio**. 2008. Dissertação (Pós-Graduação em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

CHECHIA, Valéria Aparecida; ANDRADE, Antonio dos Santos. **Representação dos pais sobre o desempenho escolar dos filhos**. IN: SEMINÁRIO DE PESQUISA, V, Ribeirão Preto, SP, TOMO II, LIVRO DE ARTIGOS, p. 207-219, 2002.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995. _____. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. v. 16. p. 221-223. Portugal: **Revista Portuguesa de Educação**, 2003. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/374/37416210/37416210_5.html>. Acesso em 21 nov 2011.

COSTA, Kátia Reis de Souza. A música e a construção da linguagem oral na educação especial. São Paulo: **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, 2011.

CUNHA, Vera Lúcia Orlandi; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho de escolares de 1ª a 4ª série do ensino fundamental nas provas de habilidades metafonológicas e de leitura – PROHMELE. [S.l]: **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, 2009.

FONTES, Maria José de Oliveira; CARDOSO-MARTINS, Cláudia. Efeitos da Leitura de Histórias no Desenvolvimento da Linguagem de Crianças de Nível Sócio-econômico Baixo. Psicologia: **Reflexão e Crítica**, 2004.

FRIEDMANN, Adriana. **O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação**. Campinas: ALB: Mercado das Letras, 1996.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERBER Adele. **Problemas de aprendizagem relacionados à linguagem: sua natureza e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LANCHEC, Jean-Yvon. **Psicolinguística e pedagogia das línguas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico de alfabetização**. 15 ed. São Paulo: Ática 2003.

LIMA, Shirley Monteiro. O Desenvolvimento Físico e Intelectual da criança na Educação Infantil. [S.l]: **Pedagogia ao pé da letra**, 2011. Disponível em <

<http://www.pedagogiaaopedaleta.com/posts/monografia-o-desenvolvimento-fisico-e-intelectual-da-crianca-na-educacao-infantil-2/>>. Acesso em 02 nov. 2011.

LOPES, Patrícia. **Atuação dos Pais na Escola**. [S.l]: Brasil Escola, 2009. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/psicologia/atuacao-dos-pais-na-escola.htm>>. Acesso em 21 nov. 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Orgs.). **Leitura perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2005.

MARQUES, Soraya M. O lúdico: Jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem na educação infantil. [S.l]: **Pedagogia ao pé da letra**, 2011. Disponível em <<http://www.pedagogiaaopedaleta.com/posts/monografia-ludico-jogos-brinquedos/>>. Acesso em 02 nov. 2011.

MELO, Orlinda Carrijo. **Alfabetização: dos métodos Tradicionais à concepção sócio-interacionista**. Faculdades Integradas Evangélica de Anápolis, 2000.

MIRALHA, Jussara Oliveto. **A prática pedagógica de professores do ensino Fundamental na perspectiva de uma educação de qualidade para todos**. 2008. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) Faculdade de Ciências e Tecnologia-UNESP. Presidente Prudente, 2008.

MOURA, Denilda (Org.). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008.

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. v. 1. n. 3. São Paulo: **Caderno de pesquisas em administração**. 1996.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 10 ed. Campinas: Papirus, 2004.

ROCHA, Janaina Menezes Silva. **Literatura infantil: o recontar histórias como exercício da linguagem oral em sala de aula**. 2010. Monografia (Curso de Pedagogia). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2010.

RONCATO, Caroline Cominetti; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da Educação Infantil. São Paulo: **Distúrbios da Comunicação**, 2005.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para a eficiência nos estudos**. 11 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SASSO, Elaine Cristina. A linguagem oral e escrita na educação infantil: contribuições da análise experimental do comportamento na releitura dos objetivos. [S.l]: **Psicologia – o portal dos psicólogos**, 2007. Disponível em <www.psicologia.com.pt>. Acesso em 22 nov. 2011.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. cap. 7.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 11. ed. São Paulo: Globo, 2003.

SILVA José Pereira da. **O desenvolvimento da linguagem**. Rio de Janeiro: CiFEFiL/Dialogarts, 1999. 71 p. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/pereira/textos/odesenvolvimento.htm>>. Acesso em 01 nov. 2011.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: Alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1993.

SOUSA, Lúcia Beatriz de. O Desenvolvimento da Leitura e da Escrita nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. [S.l]: **Pedagogia ao pé da letra**, 2011. Disponível em <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/monografia-desenvolvimento-leitura-escrita-series-iniciais-ensino-fundamental/>>. Acesso em 02 nov. 2011.

TARTUCE, Terezinha de Jesus Afonso. **Normas e técnicas para trabalhos acadêmicos**. Fortaleza: UNICE, 2008.

TEIXEIRA, Juliana Barreto da Motta. **Estudo exploratório de dois instrumentos para avaliação do desenvolvimento da linguagem de crianças entre 3 e 6 anos**. 2006. Dissertação (Pós-Graduação em Educação). Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, 2006.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de; CAVALLETE, Floriana Toscano. **Português para o ensino médio: literatura e produção de texto**. Volume único. São Paulo: Scipione, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR
ACADÊMICA: ALICE SILVA

Idade: _____

Formação Acadêmica: _____

Tempo que atua na profissão: _____

Turma de ensino: _____

Idade média das crianças: _____

QUESTIONÁRIO

1. Quais são as práticas ou atividades que você utiliza para o desenvolvimento da linguagem oral das crianças?

2. Quais os principais momentos em que você pratica a linguagem oral com seus alunos?

3. A escola proporciona material suficiente para o desenvolvimento de uma boa linguagem oral? Comente.

4. Como você avalia o desempenho linguístico dos seus educandos?

5. Em sua opinião os pais auxiliam os filhos no desenvolvimento da linguagem oral? E como os pais podem ajudar os docentes no processo de desenvolvimento da linguagem oral das crianças?